

XI Jornadas de Sociología. Facultad de Ciencias Sociales, Universidad de Buenos Aires, Buenos Aires, 2015.

O polo naval de rio grande visto a partir de uma hermenêutica do conflito.

pedro marchioro.

Cita:

pedro marchioro (2015). *O polo naval de rio grande visto a partir de uma hermenêutica do conflito*. XI Jornadas de Sociología. Facultad de Ciencias Sociales, Universidad de Buenos Aires, Buenos Aires.

Dirección estable: <https://www.aacademica.org/000-061/720>

Acta Académica es un proyecto académico sin fines de lucro enmarcado en la iniciativa de acceso abierto. Acta Académica fue creado para facilitar a investigadores de todo el mundo el compartir su producción académica. Para crear un perfil gratuitamente o acceder a otros trabajos visite: <https://www.aacademica.org>.

O POLO NAVAL DE RIO GRANDE VISTO A PARTIR DE UMA HERMENÊUTICA DO CONFLITO.

Pedro Francisco Marchioro¹

Universidade Federal de Pelotas – RS

Resumo

Com a instalação do polo naval na cidade de Rio Grande- RS, uma leva de mão de obra exógena aportou nessa região até então marcada pela relativa inércia de sua atividade urbana. A chegada de estrangeiros não tardou a gerar conflitos de ordem cultural, sobretudo no defrontamento de culturas antípodas, a saber, o gaúcho e o estrangeiro, que aqui passou a ser identificado sob o rótulo do "Baiano". O designativo "Baiano" atua como uma categoria da qual o habitante local se utiliza para operar a identificação e organizar cognitivamente os elementos de sua nova realidade social. Baiano, portanto, pouco tem a ver com a designação do habitante proveniente do estado da Bahia. São trabalhadores cariocas, paulistas, pernambucanos, paraibanos e de outras regiões do Brasil que vieram ocupar os postos de trabalho abertos no polo naval. Essa pesquisa visa investigar os mecanismos através dos quais o estigma se desenvolve, a partir dos esquemas de percepção de determinados traços identificados pelo nativo e inseridos na categoria "Baiano", que passa a configurar uma categoria que ganha sentido e atua na nova configuração da realidade social riograndina.

Palavras-chave: estigma, comportamentos, desvios, outsiders, percepção do normal.

Introdução

¹ Mestrando em sociologia. Email: pedro-marchioro@live.com

Em 2005 na cidade de Rio Grande, localizada no sul do estado do Rio Grande do Sul, é instalado o polo naval. Com isso a região passa a integrar o circuito global de construção de plataformas para a exploração de petróleo e gás. A cidade de aproximadamente 200 mil habitantes, vinha apresentando índices muito pouco expressivos de movimentação comercial e urbana, isso em parte pelo seu isolamento geográfico, em parte por outros fatores políticos, históricos e culturais próprios dessa região sul do estado. Com a entrada da indústria naval e dos mega empreendimentos, aquela substancia estagnada fora animada, de maneira que uma nova movimentação principiou.

A partir de então haverá um grande volume de materiais, investimentos e recursos vindos de outros lugares do Brasil e do mundo, que alterarão “significativamente o perfil produtivo da metade sul, bem como suas condições socioeconômicas”. (Plano Diretor do Polo Naval, p. 4) Junto a esses novos elementos, uma profusão “estrangeiros” passa a circular na cidade. Rapidamente as ruas da cidade são infladas, vê-se acelerar seu movimento com fluxos de trabalhadores de uniformes de todas as cores. Fala-se muito sobre o polo. A televisão exalta um “novo eldorado”, ou, como no título da edição da reportagem do Globo Repórter de fevereiro de 2011, um “novo mapa da prosperidade brasileira”. Nos jornais, pululam anúncios de vagas de emprego: soldador, encanador, pintor, etc. Cursos são oferecidos para treinamento junto a incentivos de profissionalização para os postos de trabalho do polo. Nas portas das empresas há filas para o preenchimento do cadastro de emprego. Exemplos são divulgados de pessoas que abandonaram suas antigas fontes de renda e vieram a ter relativo sucesso no polo².

O comercio, que fora por muito tempo responsável pela absorção de grande parte da mão de obra local, perde seu monopólio: “Estamos ouvindo e sentindo na pele a dificuldade em encontrar mão de obra para o comércio em virtude do Polo Naval. Cada lojista está tomando sua atitude, procurando resolver à sua maneira (...)”, dizia o presidente da Câmara de Dirigentes Lojistas de Rio Grande (site: Polo Naval, 2013).

² Por exemplo, “Albertina de Souza Rodrigues (AR), natural de Rio Grande, no Rio Grande do Sul. Mãe de seis filhos, buscou a “sorte” no Polo Naval da mesma cidade após fazer o curso de soldador TIG e ER e tubulação dado pelo PROMIMP e outro curso oferecido por empresa do Polo Naval [...]: Qual era a sua atividade profissional antes de ingressar no Polo Naval? AR: Eu era servente de limpeza numa das indústrias desta cidade. O que você diria para as pessoas que buscam novas oportunidades e até mudança de área de atuação?AR: Que tenham determinação, profissionalismo, responsabilidade e que não tenham medo de mudar.[...] (site: Polo Naval)

Há, por outro lado, um aumento na demanda dos serviços e, portanto, o exemplo daqueles que no comércio vêm prosperando. Os restaurantes, as lojas, as pensões, hotéis, os bares, os cabarés, os traficantes, as prostitutas e travestis, toda essa rede comercial vê-se abastecida de uma nova clientela, de caras novas que se misturam, usam roupas combinadas de outra forma, e apresentam sotaques variados:

Tem sido cada vez mais comum a presença de cariocas, paulistas, mineiros, cearenses, entre outros, nos mais diversos segmentos da cidade. Especialmente com o incremento do polo naval, as empresas buscam mão de obra qualificada e, com escassez na cidade, acabam trazendo empregados de outros lugares. (site: Jornal Agora, 2012)

É desse enfrentamento inicial entre a população local e a massa confusa de “estrangeiros”, intensificado pelo volume e velocidade em que se deu as instalações dos megaempreendimentos, que emergirá as primeiras denúncias e acusações do (mal) comportamento do “Baiano”, figura de linguagem que age no sentido de condensar toda a miscelânea de caras novas, hábitos embaraçados, sotaques diversos, comportamentos desviantes, que apareceu na nova configuração da realidade de Rio Grande.

Mais adiante, pretendo demonstrar como esta imagem se tipifica, é reificada, isto é, se descola das situações imediatas que o geraram, passando a constituir um elemento a mais no universo simbólico do riograndino, estratégico na conduta de sua nova vida diária.

A descrição objetiva do polo

É interessante perceber o contraste entre o que Rio Grande era e o que veio a ser em um período bastante curto, descrever o seu pano de fundo para facilitar a compreensão da sociogênese do estigma (QUINONES e SUPERVIELLE, 2015, p. 18), isto é, do estigma enquanto uma relação, dado que o fenômeno não acontece num vazio social (ELIAS, 2000, p. 32). Nesse sentido, o defrontamento das distintas culturas, devem-se a uma série de circunstâncias. Desse modo, a hermenêutica do conflito no polo naval de Rio Grande aponta primeiramente para a interdependência entre *extrangeria* (BLANCO, 2006) e cultura nativa, o que Elias e Scotson (2000), denominam “abordagem figuracional”. Isto é, o fato de que

as categorias estabelecidos e outsiders se definem na relação que as nega e que as constitui como identidades sociais. Os indivíduos que fazem parte de ambas estão, ao mesmo tempo, separados e unidos por um laço tenso e desigual de interdependência. (ELIAS, 2000, p. 8)

Portanto, o encontro entre o nativo e o estrangeiro do qual emergem os fenômenos estigmatizantes, devem-se antes de mais nada ao polo naval. Numa rápida descrição pretendo esboçar o cenário em que esse encontro se deu para que possamos tomar parte da perspectiva do nativo, o “empreendedor” (BECKER, 2008) primeiro e último desse mecanismo que é o estigma.

Esboço do cenário em que o estrangeiro ingressa

O polo naval fica no município de Rio Grande, mas não se reduz a esse. Na verdade ele diz respeito a um aglomerado que abarca as cidades de Pelotas, São José, São Leopoldo, Jacuí, Cachoeira do Sul, Charqueadas, Porto Alegre e a lista ainda continuaria se ponderássemos seus efeitos gerais. E é nesse sentido que perguntamos sobre os “porquês” e os “comos” dessa região sul, sempre menos desenvolvida em relação ao norte do estado, passar a integrar o itinerário da circulação global de capital.

O que acontece: em 1997 o porto de Rio Grande é incluído no programa de renovação da frota nacional de apoio marítimo, basicamente na construção de embarcações da marinha mercante. Porém, em 2006, interrompe-se esse programa em função da confirmação da descoberta da camada pré-sal na costa brasileira, deslocando-se o foco para o investimento em tecnologias para extração e manipulação do petróleo na costa brasileira (FABRES, 2014).

Rio Grande teve um dos primeiros portos de atracação de barcos do Brasil, de modo que a cidade já apresentava em seu histórico uma atividade portuária de transporte e armazenamento de mercadorias³. Entretanto, esta é a primeira vez que a ela é anexada a um nível de trocas globais. Assim, fica claro que Rio Grande não

³ Desde 1906, data em que o engenheiro Elmer Lawrence Cortheill, contratado pelo Governo brasileiro para executar as obras de fixação da Barra de Rio Grande e a construção de dois molhes convergentes e um novo porto na cidade do Rio Grande (hoje conhecido como Porto Novo), a cidade já apresentaria atividades tipicamente portuárias de transporte e armazenamento de mercadorias. (ver: http://www.com.br/site/sobre_porto_municipio_rg.php)

encontraria resposta para o desafio ao qual era solicitada unicamente em seus recursos internos⁴, e é nesse sentido que passa a importar trabalhadores já qualificados nas atividades do setor petrolífero⁵.

O que o se tem feito no polo desde 2005 são serviços de construção de plataformas para exploração petrolífera: resumidamente, plataformas que vinham em estado bruto de países como China e Singapura, sofriam ali as transformações necessárias para seu envio ao mar (FABRES, 2014). Nos últimos tempos, porém, tem-se investido na própria produção dos recursos primários de construção das plataformas para o avanço na conquista da independência das matrizes internacionais. Essa atividade funciona por empreitada: assim que se encerra a construção de uma plataforma - o que tem levado, em média, de três a quatro anos – os trabalhadores são dispensados e a parte migrante volta às suas regiões ou vão para novas frentes que demande esse tipo de serviço. Os trabalhadores de que falamos são, em média, encanadores, pintores, torneiros, soldadores, mecânicos, eletricitas, etc.

Observa-se assim que uma espécie de constante rotatividade vai se instituindo numa cidade que vinha apresentando uma dinâmica urbana bastante tímida, e que encontra dificuldades para lidar. A xenofobia aqui, ou o preconceito, são o início de esforços por tentar entender e se adaptar a uma nova realidade pela qual a cidade vem passando.

Estudos, relatórios, planos locais em relação ao polo

Houveram estudos, diagnósticos, projeções, planos diretores precedentes à instalação do polo, datando já de 2005, e que visavam identificar as potencialidades e debilidades das regiões do polo para os devidos aproveitamentos ou reparos. Nestes se podem ver, por exemplo, dados sobre: natalidade e mortalidade, densidade demográfica, número de leitos, renda per capita, nível de consumo de energia por residência ou por

⁴ Dizia o relatório final dos estudos do APL: “Observa-se que a definição das ocupações foi feita com base em levantamentos do Prominp desde 2005, que apontaram para a necessidade de realização de cursos nestas áreas na região de Rio Grande. Foram considerados como FIRMES 50% da demanda de mão de obra qualificada, para execução de toda a edificação (dos cascos FPSO), de 30% do processamento e 30% da montagem de blocos.” (Relatório Final, RG-04)

⁵ A reportagem de abril de 2011 do Jornal Zero Hora, dizia: “Sem tradição na indústria naval, Rio Grande vive um desafio para atender à demanda da construção de plataformas para exploração de petróleo e gás”. (<http://wp.clicrbs.com.br/riogrande/tag/polo-naval>)

indústrias, renda total dos municípios, numero de trabalhadores qualificados empregados e desempregados, numero de trabalhadores à ser qualificados, etc.

Para elaboração destes estudos foram formalizados grupos de trabalho reunindo indivíduos representantes de entidades chave na cidade. Nestes relatórios explicita-se o objetivo de ordenar o processo de instalação do polo aproveitando-o ao máximo para o desenvolvimento das riquezas locais e solução de seus inúmeros problemas:

O relatório especifica o objetivo a ser alcançado (...), na implantação dos empreendimentos do Polo Naval, as conclusões do grupo e as recomendações a serem consideradas para que o Polo Naval de Rio Grande cresça de forma sustentável preservando e incentivando as riquezas e as potencialidades locais e regionais. (PLANO DIRETOR, RG-01, p. 5)

Podemos ver que, nessa perspectiva, a necessidade de recorrer a recursos exógenos, inclusive a mão de obra, já estavam previstos. A questão de sua importação, porém, sempre aparece sob o foco temporal, como um paliativo, enquanto a mão de obra local não esta preparada. Portanto a mão de obra estrangeira aparece sob a perspectiva de sua progressiva eliminação:

É necessário qualificar cerca de 4.000 profissionais em um prazo de 3 anos (...) Esse fato aponta para estudos conjuntos (...) *isso para evitar a migração de um grande número de pessoas (ou pelo menos minimizar o problema)*. (grifo meu) (PD, RG-04, p. 18)

É esse “curto prazo” da mão de obra estrangeira e a promessa de melhoria das condições locais que justificam, aos olhos do riograndino, os males advindos com polo. Nesse sentido, os relativos avanços no cumprimento desse objetivo serão apontados e comemorados sempre que possível.

Há, enfim, uma política de evitação do estrangeiro inscrita no próprio espaço prévio à recepção do polo, em seu planejamento e concepção, presentes nos discursos dos “membros que representam a maioria das instituições detentoras das áreas de interesse disponíveis” (PD, RG-01, p. 6), que dizem respeito a priorização dos fatores locais em detrimento daquilo que não o é, isto é, que acaba tomando a vinda desses estrangeiros como um “mal necessário”, mas que se justifica pela sua eliminação futura.

Espaços de conflito: redes sociais

Como dito, desde os primeiros impulsos da reativação do polo naval de Rio Grande tem havido uma alta incidência de “estrangeiros”, atraídos certamente por tal prosperidade. E, já nos primeiros assentamentos destes migrantes, pôde-se perceber os conflitos divulgados pela mídia local assim como por outros veículos. Via-se um tipo de opinião formando-se a respeito do nordestino, que ia aparecendo na figura do “Baiano”. Em uma rápida busca na internet pôde-se confirmar a existência do conflito. Retorno ao tema da hermenêutica do conflito: um objeto “desde onde se faz inteligível os processos de estruturação social” (DE SENA e LISDERO, 2014), tendo em conta que, macromudanças geram efeitos que se manifestam em microespaços.

Entendemos que todo o espaço do conflito é o espaço do conflito em potencial, isto é, o conflito está inscrito nos espaços de forma latente podendo manifestar-se ou não e em diferentes graus e sob diversas formas. Isso porque os espaços sociais estão imbuídos de regras, regras essas formais ou informais mas que sempre pressupõem a sua infração (GOFFMAN, 1988; BECKER, 2008). Nesse sentido, temos constatado as redes sociais como um espaço privilegiado para a manifestação dos conflitos. Conflitos que iniciam em espaços públicos, vão se desdobrar, ganhar força e forma dentro das redes sociais. Como o “instrumento da fofoca descrita” por Elias e Scotson em *Os estabelecidos e os outsiders* (2000, p. 13), as redes sociais funcionam para os agentes como uma alavanca onde se tem a possibilidade de atingir o alvo sem que se veja de onde parte o ataque. Dito de outro modo, as redes sociais garantem um relativo anonimato, e assim oferecem uma maior segurança ao minimizar os custos emocionais com as acusações diretas, cara a cara. É nas redes que se vai consolidando a imagem do Baiano⁶ e, em contraposição, a própria auto-imagem do nativo.

Utilizamos, portanto, junto aos já consagrados métodos de investigação, de outras ferramentas e técnicas para a investigação desse espaço virtual ainda um tanto recente nas ciências sociais, mas que já tem demonstrado sua importância e validade em estudos que investem em sua apropriação e transformação em local de produção de

⁶ Escrevo o termo “Baiano” sempre em letra maiúscula, como se fosse um nome próprio, do mesmo modo como “Outsider” (BECKER, 2008) ou “Outro” (DELEURIERS e KÉRISIT, 2010, p. 146), aparece em outros estudos, isto é, para reforçar o funcionamento desse esquema de condensação da pluralidade, extrapolando as distinções individuais e singulares, e tornando-se algo em si mesmo, auto-referenciável.

dados, tal como a etnografia virtual, o trabalho de campo online, a cibercultura, e outros. (DE SENA e LISDERO, 2014)

As redes sociais constituiriam um microcosmo onde se torna possível identificar o desenvolvimento desses conflitos em seu estágio mais desenvolvido e, sobretudo, em seu formato não-velado. Pois esta é uma das dificuldades quando se busca medir e demonstrar fenômenos, à primeira vista, de caráter subjetivo como o estigma. Numa sociedade democrática em que o direito às diferenças é defendido por lei, o estigma se daria através de mecanismos mais sutis e complexos, posto que o próprio agente estigmatizador sofreria prejuízo moral, isto é, estaria sujeito ao estigma, ao estigmatizar.

A apropriação do universo online pelas ciências sociais nos permitiu levantar informações que não se mostram facilmente nem nas observações nem nas entrevistas diretas, mas que emergiram, por exemplo, em entrevistas feitas por email, Skype ou Facebook, e ainda em coletas de debates em fóruns que se desenvolveram no Youtube:

Filhos da puta são vocês que vem pra nossa cidade incomodar. Se a sua Bahia é tão boa assim por que vocês tão matando a sua fome aqui? (...)

Maria

Vão toma no cú seus baianos de merda! Se a Bahia fosse bom não viriam para Rio Grande trabalhar! Vocês são abusados, folgados, seus mortos de fome! Chupa baianada filhos da puta!

Paulo

Portanto, essa contundência em que o estigma é encontrado nas redes sociais, sobretudo porque preserva o anonimato e generaliza as aversões, não é encontrado nas ruas, nas situações ou encontros sociais cara a cara, portanto não são captadas nem através de entrevistas nem de observações. A internet, aqui, age como um dispositivo de manifestação das emoções retidas nas situações imediatas, permitindo que as acusações venham à tona.

A vizinhança

Embora a internet se apresente como um espaço profícuo para a análise, o princípio do conflito, a que temos mapeado a partir das pistas levantadas nas redes, reside na vizinhança. É nos encontros diretos, na imediatividade do cotidiano que os

atritos tendem a ser travados. É, pois, no cotidiano que as configurações sociais ganham força e é nele que elas são defendidas contra supostas agressões.

O fenômeno da estigmatização, no entanto, como já visto em outros estudos (ELIAS, 2000; BECKER, 2008), apoia-se numa lógica mais profunda, subjacente aos deslocamentos do estigma, onde há um quadro de desequilíbrio de poder e distribuição de recursos, uma diferença no grau de organização e coesão dos grupos, e ainda um diferença na participação daquela tradição que constitui as regras e acordos informais e os espaços de significação onde os comportamentos e seus sentidos estão previamente dispostos e são finitos: “os ambientes sociais estabelecem as categorias de pessoas que tem probabilidade de serem neles encontradas.” (GOFFMAN, p. 11-12; 1988).

Percorrendo o caminho por onde o rotulo Baiano se erigiu, percebemos que o termo não está condicionado à região de origem daqueles que assim são identificados. Isto é, Baiano pode ser tanto alguém nascido no estado da Bahia, quanto em Pernambuco, Piauí, Paraíba, Ceará, Rio de Janeiro, São Paulo ou Minas Gerais, como diz um comentário na internet: “Eu tenho nojo dessa gente, um bando de maloqueiros porcos, baianos, cariocas e merda é tudo a mesma coisa”.

O modo de identificar o baiano é muito precário e a aplicação muito variável, dependendo de vários fatores. Como nessa fala: “Como identificar um baiano no polo naval em Rio Grande: É muito fácil, se tiver um celular num ouvido e uma latinha na mão, já achou.” Quer dizer, a aplicação do pejorativo não funciona segundo constatações de laços regionais, nem obedece a distinções de natureza étnica ou racial, tampouco ao clássico recorte de classe. Os estrangeiros ganham em media igual ou até mais do que os nativos, são mais qualificados no ramo naval – daí a necessidade de sua incorporação ao polo. Elias e Scotson (2000) já haviam destacado a aleatoriedade dos sinais que fundamentam os argumentos de inferiorização, tal como cor, religião, gênero, etc.:

Ao discutir os problemas “raciais”, tende-se a por a carroça na frente dos bois. Afirma-se, em geral, que as pessoas percebem as outras como pertencentes a outro grupo porque a cor de sua pele é diferente. Seria mais pertinente indagar como foi que surgiu no mundo o habito de perceber as pessoas com outra cor de pele como pertencentes a um grupo diferente. (ELIAS, 2000, p. 46)

É essa perspectiva que tem se mostrado adequada em nosso estudo. A seleção dos traços e sinais mostraram-se, primeiramente, em seu processo embrionário de seleção, reunião e tipificação em entidade-estigma. E, num segundo movimento, pudemos observar como o estigma, coisificado, foi utilizado no percurso inverso, de identificação dedutivista de certos traços previamente agrupados nele.

Explicações teórico-metodológicas

Partimos do postulado de que todo novo fenômeno ingressado na realidade é interpretado pelos atores sociais à luz das categorias de conhecimento já dispostas nos âmbitos sociais, ou no que Berger e Luckmann (1976) chamaram de *estoque de conhecimento*. Para estes autores, os instrumentos de conhecimento de uma dada realidade, estão dispostos nela mesma. Estes instrumentos são as *tipificações*, tipos que emergem a partir da própria expressividade humana nas interações com a realidade social. É a partir nas interações no cotidiano que emergem objetivações que, num segundo momento, se destacam da situação imediata, do “aqui e agora” que o gerou, e passam a configurar categorias objetivas, tipos, padrões, figuras generalizadas, análogas ao estigma. Essas tipificações jamais encontram correspondência perfeita nas interações face a face, mas tornam possível deduções, as previsões características do “conhecimento que dirige a conduta na vida diária” (BERGMAN e LUCKMANN, 1976, p. 35).

Há que se ter imagens que permita perceber o outro como outro e como não-nós. Essa imagem independem dos sujeitos individuais. Elas obedecem a uma sociodinâmica mais complexa que o simples racismo de cor, de gênero. Há uma construção social do “nós” e do “eles”. O integrante do grupo outsider seria todo aquele que não faz parte do “nós”. Junto ao processo de diferenciação, entretanto, há a definição de sinais indicativos que permitiriam reconhecer essas diferenças com mais facilidade. No caso do negro e da mulher, por exemplo, na linha de Elias e Scotson (2000), estas diferenças sedimentaram-se de tal maneira no longo processo histórico, que se torna difícil de desconstruí-las. Há, entretanto, momentos em que estas evidências não são tão claras. Para Elias e Scotson (2000) há esse longo processo diacrônico que, transpassado de geração em geração, vai se aperfeiçoando, se abstraindo, saindo da imprecisão para precisão auto-evidente. Citam o exemplo dos burakunins no Japão ou os judeus na 2^a

Guerra, que, por não serem facilmente distinguíveis por traço, cor, ou gênero, eram obrigados a usar uma faixa de identificação no braço.

Esse desenvolvimento teórico ilustra o que temos encontrado na análise dos movimentos que perpassam o estigma, basicamente, das subjetividades para a objetividade, e dessa novamente para as subjetividades. Quero dizer que, dez anos depois dos primeiros aportes do polo naval em Rio Grande, o estigma Baiano já se tipificou, isto é, está alocado na configuração da realidade social riograndina e pode ser encontrado nos discursos de seus habitantes como uma categoria auto-explicativa. Nesse momento, uma vez o estigma institucionalizado, passaríamos a notar o movimento contrário, de uso dos agentes individualmente nas situações de interação direta.

Postulamos ainda que uma mudança numa dada realidade, é acompanhada pela mudança na forma de compreendê-la. Novos instrumentos serão formulados, porem a partir dos já existentes. Daí a precariedade que encontramos nas primeiras formulações acerca das categorias de compreensão dos fenômenos inéditos, tal como o ingresso massivo do estrangeiro.

Num primeiro momento, de encontro com o novo, há esforços no sentido de defini-lo, racionalizá-lo, como nessa fala de Felipe⁷, trabalhador do polo:

São mal educados, não tem respeito por mulheres etc... Muitos são arrogantes... Mal educados. Se acham melhor que os outros.... Falam mal do estado, falam mal das mulheres.... E uma coisa que não aceito é falar mal do meu estado!!! Metem a mãe.... Falando besteiras para as mulher que passa!!!

Ou nessa outra de Andreia, cabeleireira:

Eles são "chinelo", grudentos, abusados. Se jogam em cima da gente. Outro dia um tentou me beijar no calçadão da praia (...) Tão sempre de chinelo, pode tá o frio que for, e de celular no ouvido (...) Eu não sei, eles têm uma cara assim, como vou te dizer, não é preconceito, mas eles tem uma cara de pobre.

⁷ Elaboramos pseudônimos a partir de combinações das letras dos nomes originais dos entrevistados ou mesmo das coletas através da etnografia virtual para que seus nomes sejam preservados.

Esse esforço de compreensão por parte dos agentes individuais bastante variável nas falas, começa a ganhar corpo e continuidades nas redes. Deparamos-nos então com definições como esta na Disciclopédia, página que se assemelha a Wikipédia, a enciclopédia online, porém fazendo uma parodia dos temas:

Baiano é qualquer ser humano que more acima da linha da praça da Sé, que desembarca em São Paulo na Rodoviária do Tietê após 5 dias de viagem de ônibus com uma bagagem que inclui uma caixa com um tatu dentro, uma camisa do flamengo, sacos de estopa com roupas, documentos e dinheiro dentro de um saquinho na cueca ou na calcinha, além de um facão e um berimbau.

Entretanto, o grande salto para a tipificação do estigma baiano se faz através da musica *Foge que é baiano*, lançada de 2010 para 2011, na qual se pode ver alguns desses traços selecionados na percepção daquele que distingue a figura do “Baiano”, num *continuum* simbólico que consolida grande parte das variações das percepções individuais, como na fala de um entrevistado: “Essa musica diz TUDO, só quem tem vizinhos baianos sabe como é verdade!”.

- 1) Todo pessoal da p-58, p-55.. Tamo Junto!
Trabalho na "ingivix" sou encarregado ...
melhor gato que tem, venha se aproxime ...
- 2) Eu bebo litrão da "Maíinha" com os mano
Xaveco traveco não to nem "ligano"
Foge que é baiano, foge que é baiano...
- 3) Churrasco segunda, vizinho "acordano"
Eu curto a Ivete, o Naldo e o Caetano ...
Foge que é baiano, foge que é baiano...
- 4) Na festa eu tóco o terrô, só pique parangolé
rebolation na Buarque, lá no Lads tem mulé
encontrei uma encorpada que só podia por trás
peituda do gogó grande, conheci na Silva Paes.
- 5) De boombox no busão, gel, cabelo do Neymar
Tem cavaco, tem tantan, viação noiva do mar
Agora eu fiquei doce e é assim que eu sobrevivo
To tirando onda no rolé de seletivo ...

Desse modo, podemos ver na música que o ponto 1) faz referências ao posto de trabalho (“encarregado”) do “Baiano”, o 2) e o 4) dizem respeito a sexualidade promíscua do baiano; os pontos 3) e 6) falam da preferência musical assim como do volume das festas e o dia inoportuno de suas reuniões; no 5) aparece o modo de se vestir, a suposta religião (“noiva do mar”).

A realidade social, no entanto, como lembra Becker (2008, p. 21), não é uma só. É recortada em múltiplos espaços, níveis e dimensões, de modo que uma pessoa pode seguir corretamente as regras de um espaço e infringir as regras de outro. Do mesmo modo, dependendo do espaço em que os agentes estão situados, há uma variação no grau e intensidade na prática do estigma. Há diferenças no modo de perceber e interpretar o Baiano, relativa ao ponto de vista do agente, isto é, ao espaço em que se situa na estrutura social (BOURDIEU, 1990, p. 158).

A ordem, o normal, regular, o certo, o razoável, o provável, de algum modo traz sempre contraposto seu par binário - o extraordinário, o desviante, a discrepância, a anomia, a exceção. O estigma diz respeito a estas “expectativas normativas” (GOFFMAN, p. 12; 1988). Para Goffmann (1998), os ambientes sociais produzem regras e previsibilidades, de modo que, os comportamentos e ações possíveis de se praticar em cada ambiente já estão inscritos, apontados nele em estado potencial. Apreendemos essas regras a um nível instintivo, elas fazem parte de nossa natureza social. Daí podermos nos dar ao luxo de deslocar a atenção mental desses por menores enquanto o corpo educado garante a adequação às regras. É essa naturalidade (incorporação das regras do espaço social a um nível instintivo, portanto de estreita correspondência entre espaço objetivo e subjetivo) que faz de nós *nativos*. Se em um restaurante entrar alguém seminu, dançando e entoando cantos esquisitos, rapidamente nos daremos conta de seu deslocamento: “é nesse ponto, provavelmente, que percebemos que durante todo o tempo estivemos fazendo algumas afirmativas em relação aquilo que o indivíduo que está a nossa frente deveria ser.” (GOFFMAN, 1988, p. 12) É a este alguém que Schultz chamou de “estrangeiro”, ou seja, aquele que infringe as regras locais porque ignora, não só a linguagem do ambiente em que ingressa, mas toda a história de sua criação que, em um nativo, é apreendido ao nível do instintivo, que nele se constitui numa segunda natureza. Para o estrangeiro,

Certamente, do ponto de vista do estrangeiro, também a cultura do grupo aproximado tem sua história peculiar, e esta história é até mesmo acessível a

ele. Porém ela nunca se tornou uma parte integrante de sua biografia, como foi a história de seu grupo de origem. (SCHULTZ, 2010, p. 122)

Podemos, desse modo, observar que os comportamentos desviantes que permitem as reações e operacionalização do estigma, podem ocorrer pela simples ignorância ou insuficiência do conhecimento superficial que se tem acerca das regras de comportamento social. Becker toma esse argumento em seu estudo sobre o desvio demonstrando como a maioria dos atos desviantes que recebem a classificação de outsiders são “não intencionais”, no sentido de que

Pessoas profundamente envolvidas numa subcultura particular (como uma subcultura religiosa ou étnica) podem simplesmente não ter consciência de que nem todos agem “daquela maneira” e assim cometer uma impropriedade. Pode de fato haver essas áreas *estruturadas de ignorância de regras particulares*. (grifo meu) (BECKER, 2008, p. 36)

Nesse momento, o rótulo Baiano é então não só um novo signo no universo simbólico do riograndino, mas assume uma parcela em sua própria constituição subjetiva, é um categoria mental, ou uma disposição emocional que encontra correspondência na realidade objetiva, e que é atualizada nesse encontro.

Conclusões

O rotulo Baiano, com os estigmas que permitem seu reconhecimento enquanto desviante nas interações cotidianas, encontram-se já reificados na realidade riograndina. Esse descolamento da representação, sua auto-referência, permite que os agentes operem a rotulação em diferentes ocasiões, de modo dedutivo, ajustando o termo às suas necessidades pontuais. Isso põem a questão da polissemia do termo, em que a parcela incompleta do conceito, sua porosidade, permite operar um ajustamento conforme a necessidade pontual.

O estigma refere-se a uma representação, que aqui aparece sob a necessidade de sentido, de assimilação na teia de significados anteriormente dada na realidade riograndina. Portanto diz respeito ao remendando das fraturas abertas nessa realidade em função da instalação do polo naval, da conservação daquela realidade que garante ao nativoos lucros simbólicos de sua agencia.

Referencias

BECKER, Howard Saul. **Outsiders: estudos de sociologia do desvio**. Rio de Janeiro; Zahar, 2008.

BERGER, Peter e LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento**. Petrópolis, Vozes, 1976.

BLANCO, Cristina Fernandez et al. **Migraciones: nuevas movilidades en un mundo en movimiento**, Barcelona: Ed. Bilbao, 2006.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. (2011), 15ª ed. Rio de Janeiro: Bertand Brasil.

_____. Coisas Ditas: **Espaço social e poder simbólico**. São Paulo: Brasiliense, 2004. 150-168 pp.

ELIAS, Nobert e SCOTSON, John. **Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

DE SENA, Angélica e LISDERO, Pedro. Etnografia virtual: aportes para su discusion y diseño, Buenos Aires, Fundación CICUS, 2014.

FABRES, Ana Cristina Porto. Indústria naval de Rio Grande: modelo de trabalhadores da base produtiva. Pelotas – RS, 2014.

GOFFMAN, Erving. Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada, Rio de Janeiro; Ed. Guanabara, 1988.

Secretaria Municipal de Coordenação e Planejamento. Plano Diretor do Polo Naval de Rio Grande, nº PL-FR-RG01-DIS-001-0.

SHUTZ, Alfred. O Estrangeiro: um ensaio em psicologia social. Revista Espaço Acadêmico, nº 113. Trad. Márcio Duarte e Michael Hanke, 2010.